

3

Notícia, conceito em revisão nos blogs jornalísticos

3.1

Outras respostas para perguntas antigas

Às 13h38m do dia 27 de março de 2006, o blog do jornalista Jorge Bastos Moreno, publicado pelo portal *Globo Online*, tinha como *post* principal a letra da música Lanterna dos Afogados, de Herbert Vianna. Os versos eram dedicados ao então ministro da Fazenda Antônio Palocci que, alvo de denúncias de corrupção²⁹, tinha sua permanência na equipe do presidente Luiz Inácio Lula da Silva por um fio.

Música do dia

[...] Quando está escuro
E ninguém te ouve
Quando chega a noite
E você pode chorar
Há uma luz no túnel
Dos desesperados
Há um cais do porto
Pra quem precisa chegar
Eu estou na lanterna dos afogados
Eu estou te esperando/ Vê se não vai demorar [...]
(Blog do Moreno, 27 mar. 2006)

Ao leitor desavisado, podia parecer que Moreno, que além de jornalista-blogueiro é colunista político do jornal *O Globo*, descansava momentaneamente da missão de suprir seu blog com informações de interesse dos leitores. Mas o contexto político apontava para uma interpretação diferente. Estava marcado para o mesmo dia um depoimento do então presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, que poderia comprometer de vez a já abalada credibilidade de Palocci. Ironicamente,

²⁹Antônio Palocci é acusado de ter chefiado um esquema de corrupção na época em que era prefeito de Ribeirão Preto, SP (1993-1996). Por meio da cobrança de "mesadas" de até R\$ 50 mil mensais de empresas que prestavam serviços à prefeitura, ele teria alimentado os cofres de seu partido, o PT, com dinheiro ilícito.

Moreno dizia que quem oferecia a canção a Palocci, como prova de amizade, era Mattoso.

Em depoimento à Polícia Federal, o presidente da Caixa deveria esclarecer como havia chegado nas mãos da imprensa um extrato bancário do caseiro Francenildo Costa – que dias antes havia fornecido à CPI dos Bingos informações que punham em dúvida a conduta moral do ministro³⁰. Pairava a suspeita de que o próprio Palocci havia pedido a quebra de sigilo do caseiro ao banco estatal, na tentativa de encontrar movimentação que colocasse em dúvida a veracidade do depoimento que o comprometera. Com as palavras de Herbert Vianna, o blogueiro dizia que a permanência de Palocci estava em jogo num momento em que ninguém mais acreditava nele. O ministro seria o desesperado da música, alguém a quem as pessoas não mais ouviam.

Às 15h43m, enquanto Mattoso depunha, Jorge Bastos Moreno colocou em seu blog uma segunda letra, a de Explode Coração³¹, acompanhada do seguinte comentário: “[...] enquanto esperamos os desdobramentos da crise, continuaremos nosso ‘correspondente musical’ [...] sob o patrocínio da Caixa Econômica Federal [...]”. Um modo irônico de dizer que o representante do banco federal poderia deixar vir a público a dissimulação de Palocci. Seguiam os versos:

Explode coração

Chega de tentar dissimular
 E disfarçar e esconder
 O que não dá mais para ocultar
 E eu não posso mais calar
 Já que o brilho desse olhar foi traidor e
 Entregou o que você tentou conter [...]
 (Blog do Moreno, 27 mar. 2003)

Dessa vez, por meio da música, o jornalista insinuava que o ministro era um mentiroso, alguém que já não conseguia ocultar sua traição. Menos de uma hora depois, o presidente da Caixa entregou seu superior: disse à PF que o ministro da

³⁰O extrato bancário de Francenildo Costa, caseiro da mansão apelidada pelos jornais de “República de Ribeirão Preto”, foi publicado no *site* da revista *Época* em 17 mar. 2006. O caseiro disse a parlamentares que Palocci freqüentava a mansão em que ele trabalhava. Essa mansão, por sua vez, era mantida por suspeitos de praticar corrupção no governo municipal de Ribeirão Preto.

³¹Letra de Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha.

Fazenda havia, de fato, descumprido a lei que preserva o sigilo bancário e pedido o extrato com a movimentação do caseiro. No fim da tarde, o Palácio do Planalto divulgou a informação de que Palocci havia pedido para se afastar do Governo.

Muitos estudiosos do jornalismo dirão que uma letra de música não é notícia: não atende a critérios de noticiabilidade, não expressa a objetividade jornalística ou a neutralidade esperada num texto dessa natureza. Recorrendo às definições mais tradicionais, também não seria possível considerar como notícia boa parte do conteúdo dos principais blogs jornalísticos – mesmo aqueles ligados a grandes grupos de comunicação. Conteúdos como poemas, textos sobre acontecimentos passados, comentários de leitores, recordações pessoais, *insights*. Mas não estará a realidade dos blogs de notícias apontando para uma necessidade de se repensar esse ponto de vista, como no exemplo citado? Que conceito de notícia se aplica nesse novo veículo?

Essas perguntas se inserem num questionamento maior quanto ao que é jornalismo, hoje. Estariam as novas formas de mediação tecnológica, na Internet, redesenhando as formas tradicionais que orientam essa prática? É o que este capítulo procura investigar, a partir da revisão de alguns dos principais conceitos do jornalismo tradicional à luz de textos dos blogs de Ricardo Noblat, Josias de Souza e Jorge Bastos Moreno.

Foram escolhidos textos de blogs de jornalistas profissionais de carreira sólida na grande imprensa, veiculados por grandes empresas de comunicação, que atingem audiência relevante e alto grau de participação de leitores. Afinal, este trabalho se propõe a analisar inovações do jornalismo em espaços legitimados nesse campo. Os blogs colocam em questão o jornalismo tradicional no seio dos mesmos grupos de mídia que construíram suas práticas.

Uma hipótese de trabalho é a de que, assim como as mudanças históricas, filosóficas e tecnológicas que marcaram a virada do século XIX para o século XX interferiram no que se convencionou chamar de notícia, a chamada crise da modernidade e a chegada da Internet na virada do século XX para o XXI recolocam a necessidade de uma revisão do conceito. Um apanhado sobre o que se compreendeu por notícia ao longo da história do jornalismo é o ponto de partida para pensar a questão.

3.2

A notícia na história do jornalismo

O primeiro jornal de que se tem registro circulou em Bremen, na Alemanha, em 1609 (Lage, 1985) – mais de cento e cinquenta anos após a invenção dos primeiros tipos móveis, em 1450. Segundo o autor, em Londres o primeiro jornal só apareceu em 1621, e em Paris, dez anos mais tarde.

Só quando a burguesia passa a ver os jornais como um veículo para disseminar suas idéias libertárias contra o regime absolutista na Europa é que surgem os periódicos. Não bastou a existência da tecnologia de impressão; foi preciso que um conjunto de fatores políticos (interesse da burguesia em ascender), econômicos (enfraquecimento do regime feudal de produção e início do processo de industrialização) e sociais (insatisfação popular com o regime absolutista) convergissem para a criação da imprensa.

Mesmo com tantos interesses mobilizados, os jornais aparecem de forma tímida. De acordo com Robert Darnton (2000), por receio de ver as publicações usadas contra seus propósitos políticos, os reis lhes impõem forte censura. Na França, nos anos que antecederam a queda da Bastilha, o aparato de repressão à imprensa contava com mais de 200 censores.

Darnton, que se dedicou a estudar a imprensa francesa dessa época, tomou como foco de investigação a estreita relação entre as notícias e os fatos políticos desde os primórdios da imprensa. Para o historiador, os sistemas de comunicações sempre moldaram os acontecimentos; cada era foi, à sua própria maneira, uma era da informação (Darnton, 2000). Isso ainda que as notícias – compreendidas em seu trabalho como relatos de algo que aconteceu, num conceito bastante amplo – nem sempre tenham sido produzidas e disseminadas da mesma maneira ou no mesmo formato. Como na França absolutista os jornais existentes veiculavam apenas os pontos de vista oficiais (ou eram fechados por ordem do rei), para tomar conhecimento de notícias que realmente interessavam, os franceses precisaram freqüentar alguns lugares específicos: certos cafés, bancos ou praças onde transmissores orais de notícias disseminavam os acontecimentos boca a boca. Ali, era

possível ficar sabendo de fatos políticos de bastidores e todo tipo de intrigas contra a corte.

Na maior parte das vezes, as fontes primárias dessas informações que circulavam eram empregados do reino ou pessoas da corte, mas até que as notícias chegassem aos ouvidos do público havia uma extensa rede de comunicação formada por meios e gêneros hoje em esquecimento. Numa das histórias analisadas por Darnton, a transmissão começa como *mauvais propos* ou fofoca de pessoas da corte; transforma-se em *bruit public*, ou boato generalizado; é incorporada a uma *nouvelle à la main* ou folha de notícias manuscrita; para por fim ser impressa como um *libelle*, ou livro escandaloso. Outras vezes a informação é transmitida por meio de canções populares antes de chegar aos livros. O processo de comunicação, nesses casos, envolvia a interpenetração de meios orais, escritos à mão e impressos.

No esforço para decifrar essa complexa rede informativa, Darnton analisou os relatórios policiais referentes a conversas mantidas em cafés parisienses entre 1726 e 1729. Para a felicidade da pesquisa historiográfica, o rei ficava irritado com a propagação de notícias que fugiam a seu controle e mandava a polícia investigar e documentar as conversas mantidas em certos locais de Paris.

O trabalho do historiador ajuda a compreender que, ainda que certos assuntos tidos como noticiáveis se repitam ao longo da história da imprensa, independentemente da tecnologia utilizada para sua disseminação, o conceito de notícia pode ser extremamente maleável. Fica claro, no período estudado, que notícia não é apenas o que está publicado no jornal, mas a informação de interesse público que circula em meios distintos, em diferentes formatos.

Tal abordagem inspira a forma como procuramos compreender, neste trabalho, os textos veiculados nos blogs de Moreno, Noblat e Souza. A pesquisa de Darnton abre o caminho para que possamos admitir que, em determinado contexto, uma letra de música, por exemplo, pode ser pensada como notícia. Daí a importância desse passeio histórico pelo conceito de notícia, no Brasil e no mundo. Ao mostrar quanto mudanças contextuais – tecnológicas inclusive – afetaram, ao longo da história, a compreensão do que seja notícia, o que se procura é desconstruir o próprio

conceito de notícia. Isso porque só em novas bases parece possível o estudo fecundo da contribuição dos blogs para o campo do jornalismo.

As quatro fases da história da imprensa

Ciro Marcondes Filho (2000) conta que, na maior parte da Europa, os jornais impressos só ganham espaço após a Revolução Francesa. Isso porque, com a monarquia, também caiu a censura e, com o enfraquecimento da Igreja, foram abaixo as retaliações que a instituição impunha à disseminação do saber. O autor divide a linha do tempo do jornalismo no mundo em quatro grandes fases. Na Europa, elas ocorreram nos seguintes períodos:

- 1) O primeiro jornalismo ou jornalismo da iluminação – da revolução Francesa de 1789 até as primeiras décadas do século XIX;
- 2) a imprensa capitalista – das primeiras décadas do século XIX, quando surgem os primeiros jornais “de massa”³², até início do século XX;
- 3) o jornalismo dos monopólios – do início do século XX, com o aparecimento dos primeiros grandes monopólios de mídia, a meados do mesmo século, quando a tevê se populariza e surgem os mitos da comunicação planetária³³.
- 4) a era tecnológica – das últimas décadas do século XX, com o advento da Internet, até o presente.

O jornalismo brasileiro viveu fases semelhantes, porém em épocas nem sempre coincidentes. Tomando como principais referências os historiadores Nelson Werneck Sodré (1999) e Isabel Lustosa (2000), estabelecemos um paralelo entre a história da imprensa no Brasil e na Europa.

- 1) O primeiro jornalismo coincide com o período colonial. Vai da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, até meados do mesmo século;

³²O primeiro jornal considerado “de massa” é o americano *Sun*, de 1833 (apud Marcondes Filho, 2000, p. 24).

³³Marcondes Filho faz referência às idéias de Marshall McLuhan, para quem o progresso tecnológico nos meios de comunicação estaria fazendo do mundo uma aldeia onde todos poderiam se comunicar, uma “aldeia global”.

- 2) a imprensa capitalista – de meados do século XIX, quando tem início a industrialização no país, até as primeiras décadas do século XX;
- 3) a imprensa dos monopólios – da primeira metade do século XX, quando começam a se formar os grandes grupos de mídia no país, até o fim do mesmo século.
- 4) a era tecnológica – do fim do século XX, quando a Internet passa a ter uso comercial, até o presente.

O primeiro jornalismo na Europa

É também chamado político-literário o jornalismo da iluminação, que surge na Europa no fim do século XVIII sob influência das idéias iluministas. Daí até a chegada da fase industrial do jornalismo, nas primeiras décadas do século XIX, a atividade jornalística é marcada pela efervescência de idéias, o questionamento da autoridade, a crítica da política e a confiança no progresso. (Marcondes Filho, 2000).

O conceito de notícia é bastante abrangente no período. Ainda segundo Marcondes Filho, cabem nos jornais textos informativos, mas prevalecem aqueles que são opinativos, críticos e redigidos num estilo literário. A principal finalidade da existência desses veículos é pedagógica e os temas predominantes são políticos.

Lustosa (2000) diz que, na Londres do século XVIII, livro e periódico não eram considerados objetos culturais diferentes por completo. O jornal era visto como “uma espécie de fragmento de livro” e “o papel do jornalista se confundia com o do escritor”. (Lustosa, 2000, p. 29). O que se esperava do veículo não era propriamente acesso a informação, mas análise e instrução. Textos apresentando pontos de vista pessoais eram, portanto, considerados notícias.

Os primórdios do jornalismo brasileiro

Por razões históricas, os primeiros jornais do Brasil surgem quando a Europa já tinha quase 200 anos de história do jornalismo para contar. Já a América espanhola e os Estados Unidos tiveram periódicos cerca de 100 anos antes de nós – no fim do século XVII. Entre o descobrimento do Brasil, em 1500, e a chegada da família real portuguesa ao país, em 1808, em fuga das tropas napoleônicas, há uma e outra

iniciativa isolada de impressão de periódicos, liquidada em seu nascedouro por ordem da corte portuguesa. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1999) é só com a chegada da corte que se configuram as condições políticas e econômicas necessárias ao nascimento do jornalismo brasileiro.

Apesar da diferença temporal entre o primeiro jornalismo europeu e o brasileiro, lá e cá os periódicos dessa fase apresentam várias características em comum, como o gosto pelos temas políticos e a liberdade de expressão. “Era uma imprensa com as características da imprensa europeia do século anterior”, resume Isabel Lustosa (2000, p. 71). Tais características vêm à tona sobretudo a partir de abril de 1821, quando a família real retorna a Portugal.

Lustosa (2000) mostra que, no período pré-independência entre o princípio de 1821 e o fim de 1823 (quando a Assembléia Constituinte é fechada por D. Pedro I), a imprensa brasileira é lugar de intenso debate político sem regras definidas. Havia alguns jornais de cunho informativo, mas os que traziam textos opinativos, muitas vezes panfletários, predominavam. Na briga entre os defensores da independência do Brasil e aqueles que queriam a manutenção do modelo colonial, os redatores dos principais jornais se valeram até de insultos, injúria e difamação para defender seus pontos de vista. Um forte contraste com o jornalismo predominante nos dias de hoje, orientado por manuais de redação que prevêm desde o modo como o jornalista deve escrever até regras de conduta na realização de entrevistas.

Difundir suas próprias opiniões quanto aos fatos políticos do período pré-independência era a proposta de Hipólito da Costa, o fundador do *Correio Braziliense*. Apesar de impresso em Londres, esse periódico é considerado o marco inicial do jornalismo brasileiro, em 1808. Conta Sodré (1999, p. 22) que “o *Correio* era brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal, doutrinário muito mais que informativo”. Ali, o espaço de opinião nos jornais não é, como nos dias de hoje, separado do espaço das notícias. O periódico ataca abertamente a administração portuguesa, como é possível observar no texto a seguir, de abril de 1820, discutindo o retorno da família real portuguesa do Brasil para Portugal.

Todo o sistema de administração está hoje arranjado por tal maneira que Portugal e o Brasil são dois Estados diversos, mas sujeitos ao mesmo rei; assim, a residência do soberano em um deles será sempre motivo de sentimento para o outro, a não se fazer mais alguma coisa. Nestes termos, a mudança de El-rei para a Europa trará consigo a mudança do lugar dos queixosos, mas não o remédio para os males. (Apud Lustosa, 2000, p. 65)

Segundo Lustosa (2000, p. 73) o *Correio* dura até 1922 e é “a pedra no sapato dos portugueses interessados na recondução do Brasil ao estado colonial”. Durante 13 anos, é o único jornal que, justamente por ser impresso fora do Brasil, consegue escapar da censura da corte.

A proposta do *Correio* contrasta com a da *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal oficial que começa a circular dois meses depois do *Correio*, sob a coordenação de um religioso, Frei Tibúrcio. “A *Gazeta* era embrião de jornal, com periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas, preço baixo”, informa Sodré (1999, p. 22). Lustosa (2000) observa que a *Gazeta do Rio de Janeiro* era uma versão adaptada da *Gazeta de Lisboa*: costumava limitar-se a reproduzir artigos publicados pela mais conservadora imprensa europeia. E todas as traduções eram lidas pessoalmente por D. João VI.

O retorno do monarca a Portugal é seguido do surgimento de uma série de jornais panfletários, como o *Revérbero*, o *Espelho* e a *Malagueta* – todos analisados por Lustosa na tentativa de correlacionar a luta política pela independência ao surgimento da imprensa no Brasil. Nesses veículos, entre outros, a historiadora encontra um debate com “níveis de violência que incluíam o insulto, o palavrão, os ataques pessoais, as descrições deturpadas de aspectos morais ou físicos e até a agressão pessoal”, (Lustosa, 2000, p. 16), mas também “um forte estímulo à participação democrática e, com ela, a emergência de estilos de escrita ricos, variados, originais”. (id. *ibid.*, 2000, p. 17).

O texto a seguir, publicado pelo *Espelho* em dezembro de 1821, ilustra a ousadia dos redatores da época e evidencia que as notícias de jornais já tiveram características muito distintas das apresentadas hoje. O redator não se intimida em dizer que a autoridade máxima da nação, o rei D. João VI, não está em condições de dar conselhos, dada sua péssima reputação. Para ele, D. João merece palmadas.

V. M. (Vossa Majestade) está mais em estado de receber conselhos do que os dar. E a sua refutação não é nada mais do que um aranzel de chocarrices, que não se ocupou senão de frioleiras, injúrias e ditérios, fazendo-se digno de ser flagelado com palmotoadas [...] (apud Lustosa, 2000, p. 151)

Em 1827, é fundado o *Jornal do Commercio*, num estilo bastante diferente do existente nos jornais panfletários. Segundo Ana Arruda Callado (2002), esse jornal – um dos poucos jornais de empresas na época – praticamente não emitia opinião. Seu forte eram as informações de interesse dos comerciantes, a exemplo de alguns jornais europeus dos séculos XVII e XVIII. A nota a seguir, de 1828, tem cunho meramente informativo. Lembra o padrão jornalístico que só passará a predominar no jornalismo brasileiro após os anos 1950. O que mais diferencia o texto do *Jornal do Commercio* dos publicados nos jornais de hoje é o uso dos pronomes de tratamento S.M (Sua Majestade) e Ilmo Sr. (Ilustríssimo Senhor). O recurso marca um distanciamento em relação às autoridades.

Troca de comandos

S. M. o Imperador D. Pedro II destituiu por motivos de saúde o Ilmo Sr. José Manuel de Almeida, marechal-de-campo graduado e governador da Praça de Montevideú, e nomeou para substituí-lo o também marechal-de-campo Manuel José Rodrigues, ex-governador da Praça da Colônia do Sacramento, indicando ainda para auxiliá-lo o marechal-de-campo graduado José Cristóvão Callado. (*Jornal do Commercio*, Coluna “Há 175 anos”, 12 ago. 2003)³⁴

No período entre 1830 e 1850, pasquins surgem como novidade, retomando características presentes nos jornais panfletários dos primeiros anos da imprensa brasileira. Os pasquins eram jornais populares que

reuniam vozes desconexas, bradando em altos termos e combatendo desatinadamente pelo poder que lhes assegurasse condições de existência compatíveis [...] e que, não encontrando a linguagem precisa, o caminho certo, a norma política adequada [...] derivavam para a vala comum da injúria, da difamação, do insulto repetido. (Sodré, 1999, p. 157)

Sodré (1999) afirma que, numa época em que poucos sabiam ler, e os que sabiam “não haviam atingido o nível necessário ao entendimento das relações

³⁴Texto publicado originalmente no *Jornal do Commercio* de 12 ago. 1828.

públicas [...], a única linguagem compreendida por todos era a da injúria” (1999, p. 157). A linguagem e a abordagem opinativa que prevalecem no período pré-independência nas penas de jornalistas bem-nascidos como Hipólito da Costa e José Bonifácio aparecem nos pasquins escritos por gente comum. Esses periódicos, quase sempre de quatro páginas, não costumavam trazer o nome de seus redatores. Vendidos em tipografias e algumas livrarias, não tinham periodicidade certa e muitas vezes se confundiam com os panfletos políticos. Como se vê, o conflito entre a proposta de fazer um jornalismo neutro e a idéia de que o jornalista pode se posicionar está presente desde os primórdios do jornalismo brasileiro.

O fim da fase artesanal da imprensa nacional coincide com a proibição ao tráfico negreiro, em 1850 – o mesmo ano da invenção da rotativa, na Europa. Isso porque investimentos antes destinados à comercialização de escravos são liberados para a industrialização (ainda que de modo bastante incipiente). Máquinas movidas a vapor possibilitaram a impressão de formatos maiores de jornais e tiragens mais altas.

A imprensa capitalista, na Europa

As inovações técnicas ocorridas principalmente na segunda metade do século XIX, a começar pela invenção da rotativa, exercem influência decisiva na transformação dos periódicos em produtos³⁵. Os jornais tornam-se empresas capitalistas movidas a grandes máquinas e vultosos investimentos; a imprensa ganha espaço e torna-se mais popular em todo o mundo³⁶. É quando se inicia a venda de espaços publicitários que garantirá, além da cobertura dos custos de produção, o lucro dos investidores. Com os anúncios ajudando a custear a produção, é possível reduzir o preço dos periódicos, facilitando o acesso de uma quantidade maior de pessoas ao produto.

Traquina (2002) observa que é nesse momento que as notícias se configuram sobretudo como produto jornalístico baseado em fatos em vez de opiniões, e ganham

³⁵Em meados do século XV, a tecnologia existente permitia a impressão de 50 páginas por hora; com as rotativas Marinoni, em 1871 tornou-se possível imprimir 95 mil páginas por hora. Dados de Nelson Traquina (2002, p. 23).

³⁶Nelson Traquina (2002, p. 21) destaca que, na França, o número de jornais aumentou de 49, em 1830, para 220 em 1881. As tiragens passaram de 34 mil, em 1815, para 2,5 milhões em 1880.

forma os conceitos de atualidade, objetividade, neutralidade, que virão a se tornar paradigmáticos da atividade jornalística.

Os avanços na rapidez de transmissão da informação, em particular a partir da invenção do telégrafo, em 1866, influenciam profundamente o surgimento de uma nova forma narrativa para os textos jornalísticos. Passa a ser desejável que eles sejam enxutos e objetivos, pois dessa forma seriam mais facilmente transmissíveis pelo novo aparelho. Essa nova maneira de narrar, bem como um conjunto de novos valores da profissão, ajudam a garantir que os jornalistas, agora sob a pressão de uma produção acelerada no ritmo industrial, consigam transformar de forma muito rápida acontecimentos em notícias.

Outra tecnologia a influenciar o novo modelo de jornalismo é a da fotografia. Como a máquina, o repórter passa a crer que deve retratar fidedignamente uma realidade pronta e verdadeira. O texto a seguir, sobre como devia ser a conduta profissional do jornalista, foi escrito em 1855.

Um repórter deve ser uma mera máquina que repete. Ele não deve conhecer nenhum dono, mas só seu dever, e esse dever é o de fornecer a verdade exacta. A sua profissão é superior, e nenhum amor por lugar ou popularidade deve desviá-lo de fornecer a verdade na sua integridade[...]. (apud Traquina, 2002, p. 36-37)³⁷

Segundo Traquina (2002), além dos avanços tecnológicos, outros fatores são fundamentais para a expansão da imprensa na Europa, entre os quais o fortalecimento da economia, a partir da consolidação da atividade industrial, a urbanização e a escolarização das massas.

A imprensa capitalista, no Brasil, é também literária

Na segunda metade do século XIX, quando começa a se desenvolver a imprensa capitalista européia, o Brasil ainda era pouco urbanizado e industrializado. Esses fatores explicam em boa medida o fato de a atividade ter se desenvolvido de modo um pouco distinto no país. Nessa época, os jornais ganham feição mais

³⁷O texto citado por Traquina está em *An Historical Approach to Objectivity and Professionalism in American News Reporting*, de D. Schiller, publicado no *Journal of Communication*, v. 29, n. 4, 1979.

empresarial, se modernizam bastante, mas ainda não conquistam penetração forte. Seus textos ainda não são muito influenciados pelos produzidos na Europa e nos Estados Unidos, num estilo mais informativo e impessoal.

Do princípio do século XIX até meados do século seguinte, o jornalismo brasileiro é marcadamente literário, como observa Sodré (1999)³⁸. Alguns dos principais escritores do país trabalhavam em redações, exercendo diversas funções. Mesmo os que não tinham o jornalismo como profissão, costumavam ter interesse em publicar contos ou romances em forma de folhetim. José de Alencar, por exemplo, foi redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* e publicou seu primeiro romance, *Cinco minutos*, em capítulos. Foi também sob o formato de folhetim – seção lançada com grande sucesso na época – que o autor publicou os romances *O guarani* e *A viuvinha*, algumas de suas mais importantes obras. Machado de Assis, Lima Barreto, Joaquim Manuel de Macedo e Euclides da Cunha, este já no início do século XX, também tiveram algumas de suas mais importantes obras impressas em capítulos, nos jornais.

Callado (2002) destaca como marco inicial da mudança de estilo dos jornais o ano de 1877, quando o *Jornal do Commercio* publica os primeiros telegramas com notícias enviadas de Londres pela agência internacional de notícias Hava-Reuters. Segundo a autora, à medida que o novo formato narrativo ganha espaço, a imprensa se distancia da literatura.

A nota a seguir, reproduzida de uma agência de notícias no ano de 1903, ilustra esse distanciamento do estilo literário. O texto é redigido em formato que já se aproxima do que encontramos hoje nos jornais. O que mais destoa do padrão atual é o uso de adjetivos (revolução “gloriosa” e marcha “triunfal”).

Paris, 15 (urgente) – A festa da comemoração da data gloriosa da Revolução Francesa foi marcada por um espetáculo inédito: a multidão que aplaudia a marcha triunfal e revista das tropas na manhã de ontem foi surpreendida pelo vôo do balão nº 9, dirigido pelo aeronauta Santos Dumont, ornamentado com as bandeiras da França e do Brasil. Parando no ar, frente ao palanque do presidente Loubet, o brasileiro saudou a festa francesa disparando vinte e um tiros de revólver.

Ao presidente Rodrigues Alves, no Brasil, Dumont telegrafou dando conta de seu gesto e afirmou: "Sinto-me honrado em saudar a França e seu presidente com a

³⁸De acordo com Sodré (1999), a primeira fase do jornalismo no Brasil foi predominantemente política e a segunda, literária. Para o autor, não houve aqui, como na Europa, uma fase político-literária.

bandeira de nossa pátria". (*Jornal do Commercio*, coluna "Há 175 anos", 15 jul. 2003)³⁹

Uma importante inovação técnica do período, segundo Sodré (1999), é a entrada em operação do prelo italiano Derriey, com capacidade para imprimir 5 mil exemplares por hora. O jornal *A Notícia*, que havia sido fundado em 1894, é o primeiro a utilizar o serviço telegráfico, em 1895. Também surgem nos anos que sucedem a proclamação da República, em 1889, o *Jornal do Brasil* (1891) e o *Correio da Manhã* (1901).

A passagem para o século XX marca, ainda segundo o historiador, a transição da pequena para a grande imprensa. Ele afirma:

Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício da função. [...] O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. (Sodré, 1999, p. 275)

O jornalismo dos monopólios, lá e cá

O chamado terceiro jornalismo é o dos monopólios, que surge no século XX na Europa, nos Estados Unidos e em boa parte dos países ocidentais, assim como no Brasil. O início do século marca uma época de ouro para os jornais do ponto de vista das tiragens⁴⁰; o fim, uma fase de crise e declínio. É nesse período que surgem o rádio⁴¹ e a televisão⁴² – meios que alcançam uma penetração jamais atingida pela imprensa escrita e que passam a disputar a preferência do público como meio de informação e entretenimento.

³⁹Nota publicada originalmente no *Jornal do Commercio* de 15 jul. 1903.

⁴⁰O jornal *Le Petit Parisien* tinha tiragem de 1,5 milhão de exemplares em 1914. O entreguerras marca o fim dessa idade de ouro na Europa, segundo Marcondes Filho (2000).

⁴¹A primeira transmissão radiofônica do mundo foi feita nos Estados Unidos em 1906, mas a chamada "era do rádio", quando o veículo atinge as mais altas audiências, vai dos anos 1930 a 1950. No Brasil, a primeira transmissão acontece em 1922. Dados da enciclopédia livre Wikipédia, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal.

⁴²As primeiras transmissões de tevê ocorrem em 1935 na Alemanha e na França; em 1936, em Londres; em 1938, na Rússia; e em 1939 nos EUA. Mas tanto na Europa quanto nos EUA, a nova mídia só passa a ter penetração relevante na segunda metade dos anos 1940, quando os televisores passam a ser produzidos em escala industrial. A tevê chega ao Brasil em 1950. Informações do site Tudo sobre TV, criado pelo professor Maurício Valin. Disponível em www.tudosobretv.com.br.

Como o investimento necessário para criar, manter e distribuir um grande jornal aos poucos torna-se cada vez mais elevado, com as constantes inovações tecnológicas, vai diminuindo o número dessas publicações em toda parte. Considerável número dos jornais de peso é ligado a outras empresas de comunicação. Nos Estados Unidos, cria-se o conglomerado Hearst; na Inglaterra, o Northclyff; na Alemanha, Ullstein e Mosse (Marcondes Filho, 2000). No Brasil, surgem os Diários Associados⁴³ e as Organizações Globo⁴⁴.

Assim como em outras partes do mundo, no Brasil o jornalismo impresso vive seu apogeu, antes de entrar em crise. Surgem, prosperam e, anos depois, enfraquecem nesse período jornais que assumiram papel relevante na discussão política do país, como *Última Hora* (1951), de Samuel Wainer, e *Tribuna da Imprensa* (1949), de Carlos Lacerda.

É a partir dos anos 1950 que a atividade se firma como força industrial, como observa Ana Paula Goulart Ribeiro (2002) e passa a ter uma vendagem significativa. A autora diz que, nessa década, a atividade passa por uma profunda reformulação, sob a influência do modelo norte-americano. “No cerne desse processo, estava a incorporação do ideal da objetividade, que se formalizou em uma série de procedimentos técnicos de redação (*lead*, pirâmide invertida, *copydesk*, *style books* etc.)” (RIBEIRO, 2002, p. 285). As notas a seguir, publicadas em 1953,

⁴³Os Diários Associados foram uma das maiores corporações de mídia do país. O primeiro veículo do grupo foi o periódico *O Jornal*, adquirido por Assis Chateaubriand em 1921. Pouco mais de duas décadas depois, o grupo era composto de 36 jornais, 19 tevês, 25 rádios, 18 revistas e duas agências de notícias. Atualmente, ainda possui 8 jornais, dos quais os mais influentes são o *Correio Braziliense* e *O Estado de Minas*, rádios e tevês regionais, uma agência de notícias e alguns outros negócios de menor porte. Dados do site institucional dos Diários Associados, disponível em <http://www.associados.com/>, e da enciclopédia livre Wikipédia, em http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal.

⁴⁴A primeira empresa do grupo, o jornal *A Noite*, foi fundada por Irineu Marinho em 1911. O jornal *O Globo* é de 1925; a Rádio Globo, de 1938, e a Rede Globo de Televisão, de 1962. Atualmente, as Organizações Globo possuem ainda os jornais populares *Extra* e *Diário de São Paulo*, a rádio CBN e a revista *Época*. O grupo Globo S.A. também tem negócios nas áreas de seguros, imóveis e tevê a cabo, entre outros. Seu faturamento foi de R\$ 5,6 bilhões em 2005. Os dados sobre o perfil da organização são da revista *Caros Amigos*, edição 114, e estão disponíveis em http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed114/valeapena.asp. As informações sobre o faturamento do grupo foram publicadas pelo *Portal Imprensa*, coligado à Revista Imprensa (ver em http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=2704)

exemplificam como a imprensa incorporou o modelo narrativo que prevalece hoje, na grande imprensa. Ambas seguem precisamente a estrutura do *lead* clássico⁴⁵:

Adhemar é candidato

São Paulo, 17 – Dirigente do PSP, o sr. Adhemar de Barros declarou que seu partido está em condições de apresentar candidato próprio à Presidência da República, no próximo pleito de 1954. O ex-governador paulista disse não ver motivos ponderáveis para afastar sua candidatura ao mais alto cargo da República. Quanto ao governo estadual, declarou: "Somente serei candidato ao governo de São Paulo em situação muito especial. Nesse caso renunciarei à minha candidatura à Presidência da República. (*Jornal do Commercio*, coluna "Há 175 anos", 17 e 18 set., 2003)

Despedida de Brailowski

Após haver realizado cinco récitas-assinaturas, no Teatro Municipal, o pianista Alexandre Brailowski despede-se de seu público com um concerto, de piano e orquestra, depois de amanhã, às 17 horas, com a regência do maestro Wladimir Goischamann. Executará peças de Beethoven, de Chopin e de Rachmaninoff. (*Jornal do Commercio*, coluna "Há 175 anos", 1 jul. 2003)⁴⁶

Nesse período, muitos dos escritores que produziam textos literários para os jornais brasileiros vão aprender nos Estados Unidos as novas técnicas. É a partir daí que o estilo jornalístico passa a ser marcado, também no Brasil, "pela impessoalidade, o distanciamento enunciativo em relação ao universo de referência" (Ribeiro, 2002, p. 285). Essa americanização da imprensa coincide com a fase em que o jornalismo, no Brasil, se profissionaliza e ganha legitimidade. É também nessa época que surgem as primeiras escolas de jornalismo do país.

De acordo com Ribeiro (2002), o modelo do jornalismo informativo se impõe definitivamente nos anos 60, favorecido pelo processo de concentração que liquida pequenos diários políticos. Ela destaca que, sob as novas condições do mercado, os ideais da objetividade e da neutralidade suplantaram os da opinião e do julgamento crítico. Para a autora, a adoção do modelo norte-americano ajuda a criar as condições de eficácia da imprensa e a transformá-la em comunidade discursiva própria, com fala autorizada perante a sociedade.

⁴⁵Os manuais de jornalismo ensinam que o primeiro parágrafo da notícia jornalística, o *lead*, deve responder a cinco perguntas principais: *quem fez o que, quando, onde e por que*.

⁴⁶Texto publicado originalmente no *Jornal do Commercio* de 1 jul. 1953

Esse período áureo dura pouco. No fim do século XX, os jornais impressos entram em processo de enfraquecimento. Para Sodré (1999), no Brasil, a crise pode ser associada à concorrência com a tevê, bem como ao fato de o avanço tecnológico ter obrigado as empresas jornalísticas a fazerem investimentos acima de suas possibilidades. Esses investimentos comprometeram a solidez financeira de muitos grupos, tornando-os mais sujeitos à pressão dos anunciantes. O historiador vê como sinais dessa crise não apenas problemas financeiros e queda de tiragens, mas também perda de credibilidade e uniformidade nas opiniões dos jornais.

Imprensa em crise na era tecnológica

Marcondes Filho (2000) chama a atenção para o fato de que a crise da imprensa escrita coincide com a chamada crise da modernidade, no fim do século XX. Para o autor, o jornalismo incorporou tão bem os ideais da modernidade, que começou a perder terreno quando os valores dessa época entraram em crise. Ele afirma:

O jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista [...], a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie. Mas, por incorporar tão energicamente esse espírito, se viu órfão quando balançaram os alicerces da modernidade (falência do discurso humanista depois de Auschwitz e Hiroshima) e desorientado quando [...] começou a perder terreno diante da sedução midiática [...] e da hegemonia das técnicas do fim do século. (2000, p. 9)

Depois da chegada do rádio e da tevê, a chegada da Internet⁴⁷, acentua essa crise da imprensa escrita, atingindo em cheio os jornais. A proliferação de jornais *on line* oferecendo noticiário fresco e gratuito todos os dias, o dia todo, acaba representando uma concorrência pesada que esses veículos parecem ainda não saber bem como enfrentar. Um forte indício disso é que, freqüentemente, os jornais impressos estampam em suas manchetes, sem nenhuma mudança significativa de abordagem, os mesmos assuntos destacados durante todo o dia anterior em suas

⁴⁷De acordo com Ferrari (2002), no fim dos anos 1980 a Internet já estava presente no Brasil, mas tinha uso restrito a instituições de pesquisa. A partir de meados dos anos 1990, a rede já possuía uso comercial, no país.

próprias edições *online*. Isso apesar de 48% de seus leitores consumirem também jornais de Internet, como mostra pesquisa da Associação Nacional dos Jornais⁴⁸.

O noticiário da *web* tem também seus tropeços. Muitos sites informativos e até mesmo blogs se limitam a reproduzir, *ipsis literis*, matérias publicadas nos jornais do dia anterior. Um meio se alimenta do outro, mas em todo o mundo quem mais tem perdido leitores nesse processo são os jornais, como discute artigo de capa da *The Economist*⁴⁹, intitulado “Who killed the newspaper?” Diz a reportagem:

De todas as “velhas mídias”, os jornais são a que mais tem a perder com a Internet. A circulação vem caindo na América, oeste europeu, América Latina, Austrália e Nova Zelândia há décadas. [...]. Nem mesmo o mais cínico barão da mídia pode negar que cada vez mais jovens estão tendo acesso às notícias via computador. Britânicos com idade entre 15 e 24 anos dizem passar quase 30% menos tempo lendo os jornais nacionais do que antes de começarem a usar a *web*⁵⁰. (*The Economist*, 24 ago. 2006, tradução da autora)

Ainda segundo a reportagem, o número de pessoas empregadas pela indústria da mídia nos Estados Unidos caiu 18% entre 1990 e 2004 e o valor das ações dos principais grupos do setor caiu pela metade nos últimos quatro anos. Citando Fidler, Cláudia Irene de Quadros e Liriam Sponholz (2006) observam que toda forma de comunicação emergente sofre influência dos meios preexistentes que, por sua vez, se adaptam, evoluem e sobrevivem num ambiente variável. Assim o jornal se adaptou à chegada do rádio e o jornal e o rádio se adaptaram à chegada da tevê.

Atualmente, existe um certo consenso em torno da idéia de que, para continuar a existir, no Brasil e no exterior, o jornal impresso terá de investir num texto mais interpretativo e analítico, que aponte as implicações das notícias na vida dos leitores. Há ainda estudiosos que defendem uma volta do jornalismo mais

⁴⁸Pesquisa realizada no primeiro semestre de 2005, em nove mercados do Brasil. Disponível em <http://www.anj.org.br/jornalanj/?q=node/676>

⁴⁹Disponível em http://www.economist.com/opinion/displaystory.cfm?story_id=7830218

⁵⁰No original: “Of all the ‘old media’, newspapers have the most to lose from de internet. Circulation has been falling in America, western Europe, Latin America, Australia and New Zeland for decades. [...] even the most cynical news baron could not dismiss the way that ever more young people are getting their news online. Britons aged between 15 and 24 say they spend almost 30% less time reading national newspapers once they start using the web.” Disponível em http://economist.com/opinion/displaystory.cfm?story_id=7830218

narrativo/literário⁵¹. Ainda não é percebida, contudo, uma mudança abrangente e consistente de abordagem nos principais jornais.

Ciro Marcondes Filho (2000) vê, na atualidade, um excesso de fragmentação da notícia e uma falta de “fio condutor” que demonstraria certo menosprezo pela capacidade do leitor; Pierre Bourdieu (1993) critica severamente a superficialidade como os assuntos são tratados. Fernando Resende (2002) observa que, no contexto brasileiro, prevalecem na grande imprensa textos “atrofiados” – narrados sem a preocupação de expor o contexto dos acontecimentos, as tramas que os teceram⁵². Regra geral, os autores concordam que o modelo de notícia da chamada era da informação não se diferencia significativamente daquele criado nos anos 50, por influência do jornalismo americano.

Nesse sentido, o esforço deste trabalho é encontrar narrativas que se afastam desse padrão. Em vez de semelhanças, aqui o objetivo principal é analisar as diferenças presentes nos textos de blogs de notícias veiculados nos portais das mesmas empresas que produzem esses noticiários *online*. O que se busca é entender que características dos textos produzidos nesses novos espaços apontariam para a necessidade de uma revisão de alguns dos conceitos que orientam a prática jornalística.

3.3

Revendo conceitos

Os avanços tecnológicos nos meios de comunicação têm exercido influência fundamental na mudança da linguagem e da estrutura da notícia desde o nascimento do jornalismo. Regra geral, a necessidade de adequar a forma de escrever à rotina industrial de produção dos jornais teve uma ligação direta com o surgimento de determinados padrões de redação. Das regras para a elaboração do *lead* aos preceitos

⁵¹É o que defende a Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Disponível em <http://www.textovivo.com.br/edvtt15.htm>

⁵²O autor contrapõe a esses textos as chamadas narrativas de resistência que, embora publicadas em jornais que se baseiam no modelo de jornalismo que o Brasil importou dos Estados Unidos nos anos 50, conseguem se diferenciar pela forma como abordam os assuntos.

de objetividade e neutralidade/isenção jornalística, tudo tem como objetivo facilitar a escrita de matérias na corrida contra o tempo: não é preciso pensar muito para escrever.

A origem desses padrões, que até hoje predominam na grande imprensa, costuma ser situada na Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, em 1861. Durante o conflito, os correspondentes internacionais desenvolveram um método de escrever que facilitava incrivelmente o envio de notícias via telégrafo: em vez de explicar o que ocorrera com um enfoque próprio, contavam de forma objetiva e impessoal os acontecimentos. A ordem de narrar os acontecimentos iria do mais importante para o menos importante – o que passou a ser chamado de pirâmide invertida da notícia. Dessa forma, se houvesse falha de transmissão, ao menos o mais importante seria informado. O primeiro parágrafo deveria conter as principais informações sobre o acontecimento em questão. O aprofundamento ficava para o “pé” da matéria – se houvesse espaço.

Se o texto jornalístico se tornou “telegráfico” para atender a uma necessidade que não existe mais – o telégrafo já saiu de linha há décadas – por que o padrão estabelecido na época da guerra continua sendo desejável nas redações? Até que ponto a Internet pode interferir no modo de se escrever notícias para a rede e para fora dela? Os serviços de informação em “tempo real” veiculados pela Internet irão sacramentar de vez o texto informativo clássico, dada a importância atribuída à rapidez na divulgação dos fatos, ou o texto mais livre dos blogs é que irá “contaminar” o jornalismo tradicional? São questões a discutir.

3.3.1

Os blogs e a objetividade

O paradigma da objetividade remete a uma das mais antigas discussões filosóficas do mundo ocidental, referente ao sentido da verdade. Para Platão, a verdade era um valor supremo a ser buscado. Ela existiria num mundo metafísico que abriga as essências de todas as coisas. Essa noção de que há uma verdade única e inabalável inspira filósofos iluministas como Rousseau e funciona como um dos

principais pilares da modernidade – a época-mãe do jornalismo. O conceito é modificado por Nietzsche, que contesta a metafísica platônica e relativiza o sentido da verdade. O filósofo vai contra a idéia de que a verdade é um valor superior. (Machado, 1984)

No jornalismo, a adoção do ideal da objetividade tem suas origens no século XIX e costuma ser relacionada, nesse período histórico, à necessidade de adequar a escrita jornalística às necessidades de produção dos jornais, mas também a um movimento de legitimação do jornalismo, a partir da adoção de um método científico de trabalho. Expressar objetividade ao narrar os fatos – ou seja, narrá-los tal como ocorreram – passa a ser sinônimo de rigor profissional. Traquina (2002) afirma que, no século XIX, há um grande esforço no campo da ciência, mas também na filosofia e na sociologia, por imitar o invento da máquina fotográfica. Ser capaz de reproduzir o real.

O segundo momento histórico relevante no que se refere à adoção do ideal de objetividade pelo jornalismo é situado nos anos 1920/1930, nos Estados Unidos, como afirmação de um método de trabalho que não mais tomava os fatos como mercedores de confiança (Schudson, 1978). O autor explica que:

Antes de 1920, os jornalistas não pensavam muito a respeito da subjetividade da percepção. Eles eram pouco incentivados a duvidar da concretude da “realidade” em que viviam. [...] Depois da Primeira Guerra, contudo, isso mudou. Jornalistas, entre outros, perderam a fé [...]. A experiência da propaganda durante a guerra e, em seguida, o surgimento das relações públicas, convenceram-nos de que o mundo que eles narravam havia sido construído por partes interessadas para que eles o narrassem. Nesse mundo, não havia espaço para empirismo inocente. (Schudson, 1978, p. 6, tradução da autora)⁵³

Com a ideologia da objetividade, os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e procedimentos criados para um mundo no qual até fatos eram postos em dúvida. Ribeiro (2003) afirma que os jornalistas

⁵³Do original: “Before the 1920’s, journalists did not think much about subjectivity of perception. They had relatively little incentive to doubt the firmness of the ‘reality’ by which they lived. [...] After the World War, however, this changed. Journalists, like others, lost faith [...]. Their experience of propaganda during the war and public relations thereafter convinced them that the world they reported was one that interested parties had constructed for them to report. In such world, naive empiricism could not last”.

brasileiros que, nos anos 1950, foram para os Estados Unidos aprender as novas regras jornalísticas não tinham uma visão ingênua quanto ao significado da objetividade. Em depoimento à pesquisadora, o jornalista Luiz Garcia, que viveu esse momento histórico de transformação no jornalismo brasileiro, reconhece que o próprio *lead* e o ângulo dado a uma reportagem não deixam de ser uma opinião. A pesquisadora destaca também um depoimento em que o jornalista Carlos Lacerda afirma que “o ideal de separar informação de opinião é um ideal, quer dizer, existe como condição de nunca ser completamente atingido [...] o importante é nunca deixar de se esforçar por atingi-lo” (apud Ribeiro, 2003).

Por ser vista no meio jornalístico como algo desejável, ainda que impossível de ser atingido, a objetividade continuou sendo um dos principais parâmetros da linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil. Talvez por isso, “após o recuo da objetividade nos diversos âmbitos do conhecimento, o jornalismo persiste em ser o guardião da prática, transformando-a em sinônimo de equilíbrio e de equidade” (Ferreira, 2002, p. 275).

O *lead* clássico funciona como uma espécie de cartilha que indica a forma como as notícias devem ser narradas com objetividade. Cartilha que, nos blogs, com frequência é posta de lado. Ao permitir a transmissão da notícia a partir de um ponto de vista pessoal, os jornalistas-blogueiros abrem espaço para transmitir, em vez de verdades, versões contadas a partir de um ponto de vista claramente explicitado. Sem deixar de ser, em certo aspecto, objetivo, o pequeno texto reproduzido a seguir, de Jorge Bastos Moreno, foge bastante ao padrão de objetividade jornalística que conhecemos.

Sábado triste

Foi anunciada há pouco a morte do Bussunda.

Para não repetir lugares-comuns, abro espaço para os leitores, como eu, admiradores do humorista. (Blog do Moreno, 17 jun. 2006)

O tom é de tristeza. Parece faltar ao jornalista energia para entrar em detalhes sobre a morte do humorista. Moreno não escreve o nome todo de Bussunda, nem sua idade ou sua trajetória profissional. Parte do princípio de que todos os seus leitores já

sabem de tudo isso, algo impensável no jornalismo tradicional. Ele também não informa local ou circunstâncias da morte. Tudo indica que pressupõe também que seus leitores já tomaram conhecimento desses fatos por outros meios de comunicação. Como narrar de forma objetiva alguma coisa que, conforme o jornalista informa logo no título, lhe causa tristeza? A solução encontrada foi fazer um relato mínimo, pouco informativo, e convidar os leitores a construir a muitas mãos um texto de homenagem⁵⁴. Em vez de retratar com suposta fidedignidade algo que aconteceu, o jornalista propõe o oposto, uma narrativa aberta e inesperada, que fuja ao lugar-comum.

A lógica da objetividade absoluta também é relativizada na nota do blog de Josias de Souza publicada no formato reproduzido a seguir, ao lado de uma ilustração intitulada “El demagogo” (o demagogo).



Normalidade anormal

É insuportável a normalidade que permeia a atual campanha eleitoral. Algo de muito anormal precisa suceder. Sob pena de o eleitor tomar por natural o que é absurdo. Quem não quiser perder a compreensão do que está acontecendo deve levar em conta o seguinte: PT e PSDB são prisioneiros de um mesmo paradoxo. Prometem a modernidade de braços dados com o arcaísmo. [...]

De fato, olhando ao redor não se encontra no quadro partidário nada menos ruim do que PT e PSDB. Porém, o ideal político dos dois partidos passou a ser a destruição mútua. Travam uma gincana de imoralidades. Um tenta impor ao outro o troféu de campeão das transgressões éticas. Poderia ter sido diferente. [...]

Passado o ritual da eleição, o novo gerente do velho condomínio de interesses, seja Lula ou Alckmin, cairá no colo do mesmo centrão partidário amorfo, isotrópico e inefável. O país logo estará mergulhado em sua insuportável normalidade. Ministérios partilhados, cargos distribuídos, negócios programados, orçamento fatiado. Algo de muito anormal precisa acontecer nesse país. (Nos bastidores do poder, 9 set. 2006)

⁵⁴No sentido de uma homenagem, a intenção não chegou a se concretizar, pois muitos leitores postaram comentários criticando Bussunda. Por outro lado, houve a construção de um texto apresentando diferentes visões do trabalho do humorista do grupo Casseta & Planeta.

Na figura, um político vomita (sua verborragia?) sobre as cabeças das pessoas que se posicionam abaixo de sua sacada, seus eleitores. De saída, a figura já estabelece com o texto uma relação subjetiva. Ali poderia haver uma foto dos dois candidatos que se enfrentarão no segundo turno das eleições presidenciais se entreolhando, ou uma montagem que insinuasse um embate de forças. Em vez disso, Josias postou uma ilustração genérica, que remete aos dois ao mesmo tempo, na condição de possíveis governantes. O desenho por um lado reforça o sentido crítico do texto, por outro abre uma janela interpretativa.

O jornalista também usa palavras tidas como vagas para o jornalismo tradicional e, nesse sentido, pouco objetivas para demonstrar o quanto está atônito com a condução da política de alianças realizada pelos partidos que disputam o segundo turno das eleições presidenciais: diz que a normalidade da campanha é “insuportável” e “absurda”. Seu texto se assemelha em parte ao de uma coluna opinativa, em parte à carta de um leitor que não mede palavras para expressar seu ponto de vista. Como retratar fidedignamente uma questão tão cheia de nuances quanto uma disputa política pelo mais alto cargo político do país? Como ser objetivo e preciso? O jornalista parece achar que isso não vem ao caso e aproveita a liberdade do espaço do blog para se expressar de uma forma alternativa.

3.3.2

Os blogs e a atualidade

Na Internet, o apelo da atualidade é reforçado pela possibilidade de as notícias poderem ser divulgadas poucos minutos depois de acontecerem. Os serviços informativos dos principais jornais *online* se valem muito do que Silvia Moretzsohn (2002) chama de fetiche da velocidade – vale mais a rapidez com que as notícias foram veiculadas do que a qualidade do texto ou o aprofundamento da informação. Não é por outra razão que a informação que vem primeiro, antes mesmo do título, é o dia e horário em que uma nota ou matéria foi posta no ar. É assim na *Folha Online*, no *Globo Online* e no *Estadão.com.br*, entre outros jornais da web.

Zélia Adghirni (2002) observa que, nesses serviços, a importância social ou política de um acontecimento tem menos peso do que sua ordem cronológica. “O que acabou de acontecer derruba a notícia anterior na hierarquia do tempo real”, afirma a autora (2002, p. 2). Os nomes desses noticiários *online* já ilustram que o fator tempo tem mais importância do que os próprios acontecimentos: “Plantão” (*Globo Online*), “Últimas notícias” (*Estadão.com.br*), “Último segundo” (*JB Online*) etc. Outras críticas de Adghirni (2002) são a excessiva fragmentação da notícia e a perda de sua contextualização.

Mas se os serviços noticiosos dos principais portais têm competido pelo viés da rapidez com que veiculam informações do dia-a-dia, os blogs jornalísticos ligados a esses mesmos portais têm se destacado numa direção diferente: pelo viés da análise, do olhar diferenciado, sempre mais autoral.

Josias de Souza e Jorge Bastos Moreno contam que, quando começaram a fazer seus blogs, chegaram a aderir à produção de notícias em tempo real, mas em pouco tempo se deram conta de que isso não fazia sentido, ainda mais estando seus blogs hospedados em portais que já ofereciam cobertura do gênero. Souza afirma:

No início eu postava muito, alucinadamente. Fazia o que os americanos chamam de *living blog*: o cara está lá numa sessão de CPI, você está ao vivo, dizendo o que ele está dizendo, às vezes até se sobrepondo à televisão. Alguém que estivesse assistindo à televisão com um computador na frente falava: esse cara é louco! Pra que isso se estava todo mundo transmitindo ao vivo? [...] Acho que os jornais têm que ser muito mais seletivos do que são e dar aos assuntos que escolhem abordar um tratamento mais qualificado. Então estou fazendo isso também no blog. Estou menos neurótico em relação ao número de postagens e um pouco mais preocupado com a qualidade da postagem e com o refinamento do assunto. (*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006)

Moreno diz que entrou na corrida contra o tempo por causa do rival Ricardo Noblat – com quem está sempre brigando perante os leitores num tom ora sério ora jocoso – mas logo mudou de idéia. Atualmente ele diz se pautar pela sua sensibilidade de repórter. Prefere quase sempre⁵⁵ o alternativo ao factual. Em trecho

⁵⁵Nos dois últimos debates antes do segundo turno das eleições presidenciais, em 20 out. 2006 e 28 out. 2006, Jorge Bastos Moreno concorreu com Ricardo Noblat na transmissão *online* das perguntas aos candidatos e suas respostas.

da entrevista que concedeu à autora, mas que ficou de fora do material publicado pela revista *Lide*, o jornalista afirmou:

O Noblat sempre foi uma figura muito competitiva, aí começou a fazer o blog *online*, um blog de informação, para jogar notícia, *flashes* de notícias. Cheguei a entrar nessa onda, mas depois comecei a perceber que o meu trabalho estava sendo inócuo.

Dos três jornalistas-blogueiros, Noblat é o único que não abre mão de fazer coberturas em tempo real. É com orgulho que ele revela ter feito mais de 200 notas para o seu blog entre 14 horas de um dia e 11 horas do dia seguinte, na cobertura da eleição de Severino Cavalcanti como presidente da Câmara dos Deputados. Para ele, notícia tem de chegar rápido. Não que ele deixe de lado o elemento autoral. A ambiciosa proposta de Noblat, em seu blog, é conciliar estilo, velocidade e volume de informação.

Como nos informativos em tempo real, nos blogs os textos mais recentes ficam acima dos mais antigos. Por outro lado, não necessariamente as novas postagens se referem a algo que acaba de acontecer. Em geral, elas apenas foram escritas depois. A escolha do que é publicado e quando é publicado atende a critérios estabelecidos pelo jornalista-blogueiro, como observa Rezende (2006).

No espaço dos blogs, o sentido do tempo e, conseqüentemente, da atualidade ganha outra dimensão. Os assuntos tratados pelos blogueiros dificilmente deixam de ter alguma ligação com o noticiário do momento; mesmo assim estabelecem uma relação diferente com a temporalidade. Ao se caracterizar como um espaço aberto a uma visão pessoal de quem o escreve, os blogs colocam assuntos factuais em diálogo com acontecimentos passados, memórias, experiências pessoais. Em outras palavras, a quebra do paradigma da neutralidade jornalística flexibiliza a relação das notícias nos blogs com a atualidade. Para estar num blog jornalístico, um assunto não precisa, necessariamente, ser uma novidade – e nem por isso perde a legitimidade perante os leitores. A nota a seguir ilustra essa idéia:

Reformas e Reformas

A Ciência acaba de desvendar um mistério milenar: quem nasceu primeiro foi o ovo, não a galinha. Mas muitas perguntas continuam ainda sem respostas. Por exemplo, quem nasceu primeiro, Delúbio ou Marcos Valério? Há também perguntas com respostas. Como esta:

Repórter – O poder corrompe?

***Ulysses Guimarães* – O poder absoluto sim. Mas não é o poder que corrompe o homem. É o homem que corrompe o poder. O Estado é cria do homem, não o homem cria do Estado. Não é o Estado que dá boca para falar, ouvidos para ouvir, mãos para abraçar e coração para sofrer, amar e perdoar [...]. (Blog do Moreno, 27 mai. 2006, negrito do jornalista.)**

Nesta nota, a partir de uma inusitada descoberta científica, Jorge Bastos Moreno retoma duas questões do passado. O escândalo do mensalão⁵⁶, que na época já estava praticamente fora do noticiário da grande imprensa, e um depoimento de Ulisses Guimarães, falecido em 1992. Nessa nota, a notícia mais atual é apenas gancho para um questionamento irônico e a lembrança de uma fala histórica que ajuda a pensar a crise política do país. Como observa Carlos Eduardo Franciscato (2001, p. 265), em trabalho sobre a atualidade no jornalismo, “a percepção de um tempo presente é obtida não somente da apreensão imediata (pelos sentidos) do mundo, mas pela mediação que a cultura exerce sobre a experiência”.

Como em boa parte das notas que o jornalista publica, a ironia é o tom que prevalece. O formato de pergunta e resposta é inusitado nessa situação, já que o entrevistado está morto e Moreno não se preocupa em lembrar isso aos leitores. O formato como se expressa, brincando com as palavras e misturando o tempo presente com o passado, é inusitado mesmo para o padrão dos blogs políticos.

O que é veiculado no blog pode ser apenas um comentário – não necessariamente ligado a algo que acaba de acontecer. Nesses casos, o veículo se aproxima mais de uma crônica ou uma coluna do que dos noticiários da Internet. A diferença é que, enquanto num jornal o espaço da opinião se apresenta separado do espaço das notícias, nos blogs as duas coisas costumam vir juntas. Como nos jornais publicados nos primórdios do jornalismo brasileiro.

⁵⁶Mensalão foi como a imprensa chamou o esquema de compra de votos de parlamentares pelo governo do PT, denunciado pelo deputado Roberto Jefferson em 2005.

3.3.3

Os blogs e a neutralidade

Criados no fim dos anos 90, nos Estados Unidos, como diários pessoais, mesmo quando incorporados ao jornalismo, os blogs mantêm o tom pessoal como característica-chave. Dessa perspectiva, a isenção deixa de ser algo natural. Em outras palavras, se nos blogs o lugar de enunciação é ocupado por um jornalista de carne e osso que narra notícias a partir de uma visão pessoal, esse profissional não tem como estabelecer um distanciamento seguro dos assuntos que aborda.

Ricardo Noblat conta que os leitores do seu blog costumam cobrar sua opinião sobre o que ele noticia: “Quando faço três ou quatro *posts* sem dar opinião, apenas relatando algum assunto, eles dizem: desce do muro!” (*Observatório da Imprensa*, 30 out. 2006). Enquanto nos meios convencionais os padrões cobram que o jornalista não se coloque, nos blogs isso é não só aceitável, como desejável, assegura o blogueiro:

A gente aprende: você não pode entrar na notícia porque não é assim que se faz. No blog, não, é assim que se faz. Ou é assim que as pessoas querem que você faça. É um jornalismo de autor. O blog tem o seu nome, a sua cara e as pessoas querem te reconhecer ali – quer elas tenham afinidade com você ou não. (*Observatório da Imprensa*, 30 out. 2006)

Tanto os grupos de mídia reconhecem essa posição que estão estimulando a proliferação de blogs que têm veiculado pontos de vista que extrapolam o próprio colunismo. Como no *post* abaixo, em que Ricardo Noblat chama o então ministro da Fazenda de mentiroso e de criminoso, algo inimaginável nas páginas de qualquer veículo da grande imprensa, mesmo numa coluna ou num artigo assinado:

Mentiroso e criminoso

Que mentiroso esse Palocci.

Disse à CPI dos Bingos que jamais pôs os pés na alegre mansão alugada em Brasília 3pela turma da "República de Ribeirão" – onde rolaram festas íntimas e negócios suspeitos.

Um motorista, um corretor de imóveis e o caseiro Francenildo disseram que o viram lá muitas vezes.

Que criminoso esse Palocci.

Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica, disse à Polícia Federal que entregou a Palocci o extrato da conta de Francenildo cujo sigilo fora quebrado. Se não pediu a quebra do sigilo, Palocci deveria ter mandado prender Mattoso na hora. [...] (Blog do Noblat, 27 jun. 2006)

A indignação chamou a atenção do leitor que assina com o codinome “Jack”, que escreveu na área de comentários do blog: “Desabafa, Noblat!”. Cabe observar que nenhum leitor reclamou do tom do jornalista, embora muitos tenham demonstrado estranhamento. “Pe.Bruno”, por exemplo, ironizou. Disse que Noblat acabaria sendo cortado pelo censor do blog porque “falar que Ministro é criminoso e mentiroso é contra a regra”.

Tanto Noblat quanto Moreno e Josias afirmaram não ser orientados a seguir, em seus blogs, o padrão editorial dos veículos para os quais trabalham. No contrato de Noblat com *O Estado de S. Paulo* está assegurada a independência do jornalista “para o bem e para o mal”, nas palavras do próprio Noblat. O *Estadão* não se responsabiliza por nada dito no blog. Em caso de processo, a responsabilidade recai totalmente sobre o jornalista.

Em outro exemplo explícito de posicionamento político, Noblat declarou seu candidato a presidente da República. Na semana que antecedeu o primeiro turno das eleições, disse que votaria em Cristovam Buarque, do PDT, e expôs abertamente suas razões para isso. Os blogs estão repletos de exemplos em que seus atores dão as costas à neutralidade jornalística. Cada um em seu estilo.

Mesmo Josias de Souza, que não costuma se colocar com a mesma veemência de seus concorrentes do *Globo Online* e do *Estado.com.br*, não raro explicita com muita clareza seus pontos de vista. Na nota a seguir, declara seu desapontamento com a possibilidade de o ex-presidente da República Fernando Collor de Mello, que sofreu *impeachment* em 1992, voltar à política. Logo no título, a palavra “ameaça” já denuncia seu posicionamento sobre o assunto de que vai tratar.

Collor ameaça retornar ao Congresso Nacional

O brasileiro, como se sabe, é um sujeito otimista. Nos momentos mais obscuros, consegue enxergar a luz no fim do túnel. Deve andar, porém, angustiado, sem saber o que fazer agora que, em meio ao sururu de mensaleiros e sanguessugas, roubaram o túnel. E quando se imaginava que o país atingira, finalmente, o caos político que

persegue há 500 anos, descobre-se que a coisa ainda não se deteriorou o bastante. **O que vai de mal a pior pode ir de pior a muito pior ainda. Fernando Collor está na bica de retornar à política!** O ex-presidente almeja uma cadeira de senador por Alagoas. Decerto pôs na balança todas as perversões praticadas depois dele e achou que tem direito a uma segunda chance. Tem gente que não gosta mesmo de ficar atrás. **Difícil para Collor será vestir o paletó por cima das asas de anjo que lhe brotam das costas.** (Nos bastidores do poder, 11 ago. 2006. Grifo nosso)

O tom coloquial usado por Souza funciona como um recurso para explicitar a seus leitores que está dando uma opinião própria. (Em boa parte das notas mais informativas que publica, prevalece uma linguagem mais formal.) O jornalista-blogueiro abre o texto dizendo que o brasileiro é um “sujeito” otimista que está no meio de um “sururu”. E em vez de dizer que Collor está prestes a retornar à política, opta por dizer que está “na bica” de retornar. A ironia da última frase, quando escreve que será difícil o político vestir paletó sobre “as asas que lhe brotam nas costas”, arremata a parcialidade de seu posicionamento.

Jorge Bastos Moreno também abriu mão completamente da neutralidade com o objetivo de defender um amigo da execração pública. No início de setembro, os principais jornais do país noticiaram com destaque que o ator Paulo Betti, conhecido pelo envolvimento de longa data com o PT, disse ser “impossível fazer política sem colocar a mão na merda”. A frase, dita na saída de um encontro entre artistas e o presidente Lula, no Rio de Janeiro, foi uma tentativa atrapalhada de dizer que o partido do presidente fez o que todos os outros fazem, mas deixou Betti muito mal com a opinião pública. O ator foi criticado em colunas, editoriais, cartas de leitores e áreas de comentários dos principais blogs políticos.

Nesse cenário de todos contra um, Moreno decidiu publicar em seu blog uma carta em que o ator se queixava da forma como suas palavras foram tomadas pela imprensa. Na abertura do *post* que reproduzia a fala de Betti, Moreno disse que punha a mão no fogo pelo ator. Segue o início da longa nota publicada em defesa do ator:

Paulo Betti e "a ética da hipocrisia"

Gente,

Eu vou botar a mão no fogo. Vou botar porque conheço e acredito nele. Estou falando do ator Paulo Betti. Eu boto a minha mão no fogo pelo Paulo Betti porque, graças a Deus, tem gente de bem neste país. E não são poucos não. [...] (Blog do Moreno, 3 set. 2006)

Como fica claro nesses textos, as regras dos manuais de redação também não se aplicam ao novo veículo. Na nota a respeito de Paulo Betti, Moreno comete vários pecados mortais do jornalismo tradicional. Para começar, escreve no formato de um bilhete para os leitores, informalmente chamados de “gente”. Em seguida, diz colocar a “mão no fogo” pelo ator, alguém que ele diz considerar “gente de bem”, “graças a Deus”. Se defender abertamente a personagem de uma matéria já é contra as regras do jornalismo, colocar a mão no fogo seria algo inaceitável numa matéria de jornal. O tom usado por Moreno seria forte até mesmo num artigo assinado, como o próprio jornalista disse: “Se estivesse escrevendo para o jornal jamais poderia dizer isso” (*Lide*, n. 46, set./out. 2006, p. 9).

Tanto que, no dia seguinte à publicação da nota, o jornalista Nelson de Sá, autor da coluna Toda Mídia, da *Folha de S. Paulo*, publicou nota chamando a atenção para o fato de Moreno⁵⁷ ter se colocado ao lado do ator. O blogueiro ficou aborrecido e disse ter o direito de se posicionar quando escreve para seu blog:

Esse crítico trata os blogs como uma mídia normal. Já dei uns toques nele, no próprio blog: isso aqui é uma coisa pessoal, eu logo mais me canso de dar uma informação ou de fazer um comentário e escrevo uma receita do peixe que eu sei fazer. (*Lide*, n. 46 set./out. 2006, p. 10)

Moreno acha que o crítico de mídia deveria encarar os blogs como um espaço de regras distintas das vigentes na imprensa tradicional, no qual emitir uma opinião não seja defeito, mas parte do jogo. Uma parte boa.

⁵⁷A coluna, de 4 set. 2006, pode ser acessada em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=397ASP014>